

O verdadeiro André Luiz entrou em fase de revisão final e de seleção de fotos. Estou certo de que proporcionarei aos espíritas a leitura de um bom trabalho de pesquisa, que lhes dará condição definitiva para avaliar a identificação desse espírito missionário. Atendo hoje a alguns insistentes pedidos e antecipo um rol de excertos de alguns itens de comprovação, parte de muitos outros que estão no bojo de toda a obra. Aqui se trata de uma síntese parcial, suplementar. Ainda atendendo a solicitações, insiro mais uma foto de família do Faustino Esposel, com 31 anos.

LUCIANO DOS ANJOS

Resumo suplementar de pontos confirmantes

Os pontos mais importantes de comprovação da verdade de que André Luiz é o neurologista Faustino Monteiro Esposel o leitor já os leu nas muitas páginas anteriores. Parece-me que a farta documentação e a pleora de testemunhos com base em lógica inconteste hão de ter valido à conclusão definitiva. De qualquer forma, apresentarei neste bloco um suplemento bastante abreviado de ligeiros excertos tomados às narrativas do André Luiz, com minhas confirmações ao lado. Deixo de repetir o que já foi alvo de textos longos e que demandaram maiores considerações. Os pontos seguintes não passam de um *clipping*, como nós, jornalistas, costumamos classificar.

De *NOSSO LAR*

Em verdade, não fora um criminoso, no meu próprio conceito. (Cap. 1, p. 19, 47ª ed.)

- Realmente não o fora, no seu próprio conceito e no de seus amigos e familiares. Não ouvi nenhum depoimento que me levasse à conceituação criminosa. O caso mais grave foi o acidente com a Buick, que já comentei, e a história da Elisa, na adolescência. Um grande abuso, uma afronta à lei moral. Crime? Não, não chego a supor, olhado pelo viés das leis puramente terrenas. Por isso mesmo, apenas a Lei Maior sabe sempre avaliar, sem erro, acima de todas as nossas suposições, culpas e responsabilidades tanto nas fases de encarnados e de desencarnados. Realmente não fora um criminoso, no seu próprio conceito e no de seus amigos e familiares. Não ouvi nenhum depoimento que me levasse à conceituação criminosa.

Recordava meu porfiado duelo com a morte. (Cap. 2, p. 22, 47ª ed.)

- Foi realmente um grande duelo. Notadamente os anos de 30 e 31 decorreram terríveis, com momentos de melhoras e pioras.

Sentia, no curso dessas reminiscências, o contato do termômetro, o pique desagradável da agulha de injeções e, por fim, a última cena que precedera o grande sono: minha esposa ainda jovem e os três filhos contemplando-me, no terror da eterna separação. (Cap. 2, p. 22, 47ª ed.)

- O quadro, a rigor, é o de enfermos graves. Não surpreende, pois, o registro do André Luiz. A alusão à “esposa ainda jovem” é perfeita. Quando Faustino Esposel desencarna, em 1931, ela está apenas com 31 anos. E os três filhos contemplando-o é cenário verdadeiro, se vistos os três como espíritos. Podiam perfeitamente ter estado naquele quarto, na última cena. São inúmeros os casos registrados pela literatura espírita.

Por maior que fosse a cultura intelectual trazida do mundo, não poderia alterar, agora, a realidade da vida. Meus conhecimentos, ante o infinito, semelhavam-se a pequenas bolhas de sabão levadas ao vento impetuoso que transforma as paisagens. (Cap. 2, p. 22, 47ª ed.)

- O dr., professor e acadêmico Faustino Monteiro Esposel portava, de fato, grande cultura intelectual. Eram vastos os seus conhecimentos que, entretanto, não podiam mesmo equiparar-se àqueles do mundo espiritual.

Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência Humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconscientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes? (Cap. 2, p. 24, 47ª ed.)

- As vaidades da experiência humana engolfaram de muito o seu espírito. A família referia com ressalvas de simpatia e compreensão, mas não negava seu perfil vaidoso. Seu raciocínio em relação ao Pai, no auge da dor, foi justo e verdadeiro. Embora católico formal, nem por isso deixaria de fazer tal raciocínio.

– Creio haja engano – asseverei, melindrado –, meu regresso do mundo não teve essa causa. Lutei mais de quarenta dias, na Casa de Saúde, tentando vencer a morte. Sofri duas operações graves, devido à oclusão intestinal... (Cap. 4, p. 32, 47ª ed.)

- Pelo que ouvi, lutou até por mais de quarenta dias nos períodos cirúrgicos. Depois, foi para casa aguardar o processo derradeiro. Faustino Esposel sabia das duas operações graves e, como médico, sabia também que a situação era muito difícil, muito difícil.

Todo o aparelho gástrico foi destruído à custa de excessos de alimentação e bebidas alcoólicas, aparentemente sem importância. Devorou-lhe a sífilis energias essenciais. (Cap. 4, p. 33, 47ª ed.)

- Inseri um extenso bloco para explicar essa questão do suicídio e da maneira como foi repelida pelos familiares. Sintetizo: Faustino Esposel não foi nenhum beberrão, não vivia caído e desacordado com crises etílicas. Tanto o seu consumo não levava a tais quadros de embriaguez que **aparentavam desimportância**. Tratou-se, na verdade, de hábito condenável, que contribuiu, e muito, para a sua desencarnação; mas sem expô-lo a nenhum ridículo ou escândalo. Daí a outra referência a um **suicídio inconsciente**. Contudo, o Faustino sabia muito bem, como médico, que as consequências lhe viriam, cedo ou tarde.

Na verdade, tua posição é a do suicida inconsciente; mas é necessário reconhecer que centenas de criaturas se ausentam diariamente da Terra, nas mesmas condições. (Cap. 4, p. 34, 47ª ed.)

- Difícil, para quem não é espírita, entender esse conceito de “suicida inconsciente”. Até espíritas às vezes vacilam. Haja vista o caso, por exemplo, de desportistas de alto risco. Gozam geralmente de grande simpatia popular, mas não deixam de ser desafiadores da morte. Desencarnar disputando quem é o maior, quem é o melhor, não beneficiando a humanidade em nada é pagar preço alto demais pela vida. Quando erra, quando “dá azar”, quando calcula mal apenas para se divertir, ganhar dinheiro, colher glórias efêmeras, é, sem dúvida, um suicida inconsciente. Mas há quem duvide disso, confundindo o imprudente (questão nº 859-a, de *O Livro dos Espíritos*) com aquele outro que arrisca a vida para salvar o semelhante ou descobrir algo em benefício do semelhante, ou, ainda, com a imprudência inconsciente, situação esta raríssima e bem diferente...

Teria o meu primogênito conseguido progredir, segundo meu velho ideal? (Cap. 6, p. 42, 47ª ed.)

- O primogênito, como vimos, era a Regina que, verdadeiramente, progrediu muito com a última encarnação, em que nasceu com problemas neurológicos. Por amarga ironia, o neurologista Faustino Esposel, desencarnado em 1931, não pôde ajudar esse filho do passado.

Meus pais me haviam antecipado na grande jornada. Amigos vários, noutra tempo, me haviam precedido. (Cap. 7, p. 46, 47ª ed.)

- É certo. O pai desencarnou em 1900, e a mãe em 1910, respectivamente 31 e 21 anos antes.

– Convém notar, todavia, que às vezes o Pai nos honra com a Sua confiança e nós desvirtuamos os verdadeiros títulos de serviço. Você foi médico na Terra, cercado de todas as facilidades, no capítulo dos estudos. Nunca soube o preço de um livro, porque seus pais, generosos, lhe custeavam todas as despesas. Logo depois de graduado, começou a receber proventos compensadores, não teve sequer as dificuldades do médico pobre, compelido a mobilizar relações afetivas para fazer clínica. Prosperou tão rapidamente que transformou facilidades conquistadas em carreira para a morte prematura do corpo. Enquanto moço e sadio, cometeu numerosos abusos, dentro do quadro de trabalho a que Jesus o conduziu. (Cap. 14, p. 81, 47ª ed.)

- Tudo isso diz respeito à vida do Faustino Esposel. Até o detalhe de que “logo depois de graduado, começou a receber pagamentos compensadores”. Formado no final de 1910, já no ano seguinte estava empregado como médico na Assistência a Alienados do Rio de Janeiro (Hospício Nacional), cargo para o qual fez concurso e passou em primeiro lugar. E prosperou mesmo “tão rapidamente”, a despeito de já ser próspero antes do recebimento do diploma. O corpo, que ele tanto cultuava, pagou o preço da glória e do sucesso. Os abusos cometidos fizeram parte, sim, da carreira do grande neuropsiquiatra. Acompanhamos tudo isso no decorrer das páginas deste livro.

Não nego sua capacidade de excelente fisiologista, mas o campo da vida é muito extenso. (Cap. 14, p. 82, 47ª ed.)

- Já comentei essa informação do Clarêncio, que, indiretamente, estava indicando que André Luiz tinha sido neurologista, especialização que abarca a fisiologia e a patologia das funções nervosas. Podemos, portanto, confirmar que ele era de fato “excelente fisiologista”. E, a propósito: que outro médico, dos aventados como sendo o André Luiz, poderia ser excelente fisiologista, mais excelente do que um neurologista por formação?

Assombrava-me a interpretação do título acadêmico, reduzido à ficha de ingresso em zonas de trabalho para cooperação ativa com o Senhor Supremo. (Cap. 14, p. 83, 47ª ed.)

- De peso eram os títulos acadêmicos do dr., prof. e acadêmico Faustino Monteiro Esposel.

Senti-me criança, como no tempo em que brincava à chuva, pés descalços, na areia do jardim. (Cap. 15, p. 86, 47ª ed.)

- Na casa da rua dos Araújo, na Tijuca, onde veio a ser erguido, muitos anos depois, um centro espírita, por mera “coincidência”. Repito que só não sei se havia areia no quintal. Mas... por que não poderia?

– Nunca saberemos agradecer a Deus tamanhas dádivas. O Pai jamais nos esquece, meu filho. Que longo tempo de separação! Não julgues, porém, que me houvesse esquecido. Às vezes, a Providência separa os corações, temporariamente, para que aprendamos o amor divino. (Cap. 15, p. 87, 47ª ed.)

- Ele desencarnou em 1931, e ela, a mãe, o reencontra na colônia em 1938. Foram, pois, 21 anos. Para qualquer mãe é muito tempo. Seja como for, a separação foi temporária e não para sempre, como pregam católicos, protestantes e materialistas.

– Ah! teu pai! teu pai!... Há doze anos que está numa zona de trevas compactas, no Umbral. (Cap. 16, p. 91, 47ª ed.)

- O pai estava já há doze anos numa zona de trevas. Assim, 1939, menos 12 significa desde 1927. Tendo desencarnado em 1900, é certo que ficou 27 anos perambulando pela terra, desorientado ou fazendo repetidas bobagens. O comportamento agravou o quadro e o arrastou ao umbral, onde ficou mais 12 anos até o reencontro. A despeito de viver no umbral acaba localizado na terra, às vésperas de ser compulsoriamente reencarnado. Prova isso que o espírito carrega consigo o umbral. Mesmo caso das filhas que estão no umbral agarradas à crosta terrestre. (Ver aqui neste livro o cap. 10 – *Os superficianos*, bloco “O filme Nosso Lar: uma grande ficção”.)

– Talvez não saibas ainda que tuas irmãs Clara e Priscila vivem hoje igualmente no Umbral, agarradas à crosta da Terra. (Cap. 16, p. 92, 47ª ed.)

- Faustino Esposel tinha apenas uma irmã, Noêmia, que estava encarnada, em 1939, com 61 anos, e desencarnou com 75, em 1953. Era a promogênita. Os demais irmãos eram Adolfo, Mário, Carlos e Oscar. Nada consegui saber sobre essa discrepância. Quem seriam Clara e Priscila? Primas, sobrinhas, amigas apenas, ou também irmãs de outra encarnação?

Esta passagem da narrativa de André Luiz é de notável esclarecimento. Elas estão no umbral, mas “agarradas à crosta da Terra”, na comprovação de que os espíritos carregam o umbral consigo, conforme assinali no tópico anterior e em capítulo precedente. Mesmo caso do pai Laerte, que está no umbral, mas é localizado na Terra. (Ver aqui neste livro o cap. 10 – *Os superficianos*, bloco “O filme Nosso Lar: uma grande ficção”.)

Meu único auxílio direto repousava na cooperação afetuosa de tua irmã Luísa, aquela que partiu quando eras pequenino. Luísa esperou-me aqui muitos anos, foi meu braço forte nos trabalhos ásperos de amparo à família terrena. Ultimamente, contudo, depois de lutar corajosa, a meu lado, em benefício de teu pai, de ti e das irmãs, tão grande é a perturbação dos nossos familiares, ainda na Terra, que voltou a semana passada, a fim de reencarnar entre eles, num gesto heróico de sublime renúncia. (Cap. 16, p. 92, 47ª edição.)

- Sim. Desde 1886 Luísa (Adolfo) esperou pela mãe, que lhe vai ao encontro, em 1910. Sobre a nova reencarnação no seio da mesma família, nada obtive nem consegui levantar.

Não parecia sincero praticante dos preceitos religiosos, não comungava todos os domingos? (Cap. 16, p. 93, 47ª ed.)

- Parecia. Sim, parecia. Apenas parecia. O verbo é acertadíssimo.

– Tenho visitado meus netos periodicamente. Vão bem. (Cap. 16, p. 93, 47ª ed.)

- Já expliquei. Eram outros netos, não do Faustino, que não os tinha.

A humanidade terrestre pagará, em dias próximos, terríveis tributos de sofrimento. (Cap. 24, p. 134, 47ª ed.)

- Faustino Esposel tinha como avaliar bem. Acompanhou de longe e, depois, conheceu de perto os horrores da I Grande Guerra, quando esteve em missão oficial na Europa, logo após o armistício.

Sei que seu espírito de pesquisa intelectual é muito forte. Médico estudioso, apaixonado de novidades e enigmas. (Cap. 25, p. 137, 47ª ed.)

- Trata-se da mais pura verdade sobre o André Luiz/Faustino Esposel.

Tive impressão de conhecer minha interlocutora, de velhos tempos. (Cap. 25, p. 140 47ª ed.)

- Não sei de quem se trata.

Não podia, afirmava, quebrar as normas e precedentes do seu estabelecimento comercial. (Cap. 25, p. 191, 47ª ed.)

- Força de expressão. Não seria propriamente um estabelecimento comercial no sentido de loja, casa comercial. Referia-se, com mais sentido, ao escritório de controle da distribuição e representação vinícola. E, quanto às normas e precedentes, também pode estar aludindo às

do Banco Hipotecário do Brasil, um dos mais fortes do país e a cuja diretoria pertencia. Falei desse cargo em momento próprio, aqui neste livro. O Banco, este com mais rigor, tinha também suas regras. Com certeza, duríssimas. Talvez demais...

Meu genitor, porém, habituado a transações de vulto e favorecido pela sorte. (Cap. 25, p. 191, 47ª ed.)

- Verdade. Pertencia à Diretoria de poderoso Banco e era negociante próspero. Transações de vulto existiam muitas. Banco é Banco. Relativamente a ter sido favorecido pela sorte, não imagino a que se refere. Será que ao fato de ter sido guindado à cúpula de um dos mais fortes bancos da época? Não sabemos como chegou lá, nem a Odete sabia. O Faustino dissera a ela que o pai tinha muito prestígio, era muito conhecido e frequentava círculos elevadíssimos da política e da administração pública do país. Daí a ascensão, segundo ela supunha. Ou algum outro fator que não chamou a atenção de ninguém da família e que nem ele mesmo, o próprio André Luiz, destacou no livro.

E fixando, emocionado, os meus olhos úmidos, afagou-me paternalmente (Cap. 25, p. 194, 47ª ed.)

- “Paternalmente” dada a diferença de idade. Ou, noutra hipótese, trata-se apenas de licença literária para revelar amor e respeito ao amigo arrependido.

Perdi muito tempo na vaidade inútil, fiz enormes gastos de energia na ridícula adoração de mim mesmo!... (Cap. 26, p. 143, 47ª ed.)

- Autocrítica sincera e verdadeira. Era vaidoso do seu porte atlético, vaidoso da sua silhueta masculina, vaidoso da sua cultura. Segundo depoimentos dos próprios parentes, era mesmo vaidoso disso tudo. No entanto – ressalvavam – nenhum desses atributos era falso ou exagerado, mas de motivação autêntica e de irradiante simpatia. Bem, cá entre nós, leitor, sua obra atesta com todas as certezas as capacidades desse espírito, durante a jornada terrena e posteriormente no espaço. Quanto ao mais, a foto que aqui reproduzo, de 1919, quando ele contava 31 anos, justifica as empolgações estéticas...



No fundo, era o desejo de continuar a ser o que tinha sido até então - o médico orgulhoso e respeitado, cego nas pretensões descabidas do egotismo em que vivia, encarcerado nas opiniões próprias. (Cap. 26, p. 143, 47ª ed.)

- Respeitado, sim, ele o era; orgulhoso, acho apenas provável; egotista penso que exagera na autocrítica. Deduções que destilo de tudo quanto ouvi de familiares de vários níveis.

Alojaremos os perturbados no Pavilhão 7 e os enfraquecidos na Câmara 33. (Cap. 28, p. 33, 47ª ed.)

- O ambiente dos alienados foi aquele em que Faustino Esposel mais exerceu a profissão e no qual se movimentou muito à vontade, desde a época final como universitário até a desencarnação, quer diretamente, quer como mestre.

Recordei, assombrado, os processos da medicina, em que muitas vezes enxergara, de perto, a necessidade da eliminação de nascituros para salvar o organismo materno, nas ocasiões perigosas. (Cap. 31, p. 172, 47ª ed.)

- Nunca fez um aborto, senão quando a parturiente corria risco de morrer. A rigor, nem era obstetra, cuja especialização ainda não existia. O papel era das parteiras. Acompanhara alguns casos “de perto”. No mais, a família era toda católica e se horrorizaria com eventual prática. Ele mesmo era conhecido como católico praticante, não podendo, pois, desmoralizar-se diante principalmente de clérigos com quem convivia intimamente.

Admirava-me de haver perdido tanto tempo no mundo em frioleiras de toda sorte. (Cap. 33, p. 181, 47ª ed.)

- Participou, efetivamente, e com prazer, de muitos convescotes, comemorações, homenagens, solenidades festivas. Familiarmente falando, foram muitos os regabofes.

Vali-me do emprego em casa de abastado comerciante. (Cap. 40, p. 223, 47ª ed.)

- Abastado comerciante, o pai do Faustino era mesmo. Talvez menos do que pareceu à pobre moça, pois é sempre muito comum os menos favorecidos olharem para os patrões avaliando-os bem acima das corretas possibilidades financeiras.

Já que poderei contar contigo aqui, doravante reunir-me-ei a Luísa a fim de auxiliar teu pai a reencontrar o caminho certo. (Cap. 46, p. 255, 47ª ed.)

- Luísa, como sabemos, era Adolfo Monteiro Esposel, desencarnado em tenra idade. O pai, agora, em setembro de 1940, estava no Umbral e vagando junto à terra. E ela, mãe do Faustino, desde a vida conjugal, preocupava-se com o comportamento do marido. (Vimos que foi quem intercedeu pelos Silveira e quem mandou celebrar as missas, depois de comprar-lhe a sepultura.)

Entrementes, zela por tuas irmãs, que talvez ainda se encontrem nas sombras do Umbral, em trabalho ativo de purgação. Estarei novamente no mundo, em breves dias, onde me encontrarei com Laerte para os serviços que o Pai nos confiar. (Cap. 46, p. 256, 47ª ed.)

- Já externei que não tenho explicação para o caso das irmãs citadas no livro. E sobre o retorno junto a Laerte (João) não tive nenhuma informação a respeito.

Com a colaboração de alguns amigos, localizei-o na Terra, a semana passada, preparando-lhe a reencarnação imediata sem que ele nos identificasse o auxílio direto. Quis fugir das mulheres que ainda o subjugam, talvez com razão, e aproveitamos essa disposição para jungi-lo à nova situação carnal. (Cap. 46, p. 256, 47ª ed.)

- Perambulava pela terra. Em campo mental umbralino, vagava assim pelos ambientes do seu passado. Afinal, foi localizado na Terra. Já levantei essas situações, que evidenciam que o umbral e as trevas estão onde o espírito está.

Em futuro não distante, colocarei todos eles em meu regaço materno, realizando minha nova experiência. Serão minhas filhas daqui a alguns anos. É preciso não esqueceres que irei ao mundo em auxílio de teu pai. (Cap. 46, p. 257, 47ª ed.)

- Nos anos em que aprofundava minhas pesquisas, não logrei qualquer informação sobre a presença do grupo reencarnado. Pode ser até que eu tenha eventualmente confabulado com algum parente sem me dar conta de que estava diante deles.

O coração me batia descompassado, à medida que me aproximava do grande portão de entrada. O vento, como outrora, sussurrava carícias no arvoredo do pequeno parque. Desabrochavam azáleas e rosas, saudando a luz primaveril. Em frente ao pórtico, ostentava-se, garbosa, a palmeira que, com Zélia, eu havia plantado no primeiro aniversário de casamento. (Cap. 49, p. 271, 47ª ed.)

- Já abordei oportunamente os detalhes. Apenas vou complementar. Portão grande, sim, mas não tanto... As azáleas estavam efetivamente no canteiro; as rosas, esqueci de perguntar, mas a elas ninguém as referiu, nem a Odete. Estou propenso a acreditar que não existiam; e da palmeira, a tal que não era tão garbosa, já falei bastante (ah! o amor...)

Onde estariam os velhos móveis de jacarandá? E o grande retrato onde, com a esposa e os filhinhos, formávamos gracioso grupo? (Cap. 49, p. 271, 47ª ed.)

- Sim, eram de jacarandá, mas não todos, segundo me disse a Odete. Do retrato já falei: nem grande e nem com a esposa e os filhinhos, mas com o casal e os pais da Odete. E ficava no piso superior onde o Faustino tinha a escrivaninha de trabalho. Debitemos a lembrança à conta do estado emocional...

Só amanhã poderei diagnosticar seguramente, porque a pneumonia se apresenta muito complicada, em virtude da hipertensão. Dr. Ernesto reclama absoluto repouso. (Cap. 49, p. 271, 47ª ed.)

- O Ernesto, de mesmo nome e médico também, esteve de fato naquela casa em repouso absoluto. Não souberam me dizer se devido a alguma pneumonia; mas admitiram que pudesse ser. Certo é que, não muito tempo depois, veio a desencarnar, em 1945. Pneumonia, àquela época, costumava ser fatal. A penicilina fora descoberta naquele ano, mas demorou para entrar no mercado.

Corri ao meu quarto, verificando que outro mobiliário existia na alcova espaçosa. No leito, estava um homem de idade madura, evidenciando melindroso estado de saúde. (Cap. 49, p. 272, 47ª ed.)

- Absolutamente correto quanto à “idade madura”, O Ernesto, casado com a Palmira, contava, naquele ano da visita do André Luiz, em 1940, exatamente 62 anos. E seu estado de saúde era mesmo “melindroso”, pois, a despeito de haver saído da crise, com a ajuda dos espíritos, veio a desencarnar quatro anos depois. O leitor já leu sobre essa situação, em capítulo precedente.

– *Vamos à Natureza. (Cap. 50, p. 279, 47ª ed.)*

- Já informei que o dr. Ernesto era formado também em Botânica e que a ida à Natureza aconteceu, não apenas por conta do real poder fitoterápica, mas como animador ajuste às convicções médicas do doente.

Imensamente surpreendido, vi-a indagar da existência de mangueiras e eucaliptos (Cap. 50, p. 239, 47ª ed.)

- Também já comentei. Mangueira e abacateiro existiam no fundo do quintal, uma espécie de cada. Eucalipto, não. Com certeza foram localizá-lo noutra local. Não sei onde.

De *NO MUNDO MAIOR*

Fez-se em meu cérebro uma livre associação de ideias, rememorando estudos que levava a efeito sobre certas realizações de Charcot. Não podia, entretanto, especificar particularidades, porquanto a psiquiatria não fora meu campo direto de trabalho na medicina. (Cap. 1, p. 15, 7ª ed.)

- Óbvio que qualquer neurologista ou psiquiatra podia citar com naturalidade o Charcot. Mas, no caso, fica mais a propósito quando sabemos que Faustino Esposel foi orador na Academia Nacional de Medicina, em reunião conjunta com a Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em 28 de maio de 1925, quando se estendeu em longo estudo sobre a vida e a obra científica de Jean Martin Charcot, a propósito do 1º centenário do seu nascimento. E também havia escrito uma monografia intitulada “Doença de Charcot”. No que respeita à psiquiatria, Faustino Esposel era de fato preeminentemente neurologista. Atuou, sim, como psiquiatra, mas menos diretamente. O grande volume de referências à sua atuação, na imprensa precipuamente, identificava-o em termos prioritários como neurologista.

Especializara-se na ciência do socorro espiritual, naquela que, entre os estudiosos do mundo, poderíamos chamar “psiquiatria iluminada”, setor de realizações que há muito tempo me seduzia. (Cap. 1, p. 15 e caps. 3-4, p. 139, 7ª ed.)

- Não obstante, André Luiz reconhece que o que o seduzia era uma “psiquiatria iluminada” e essa aspiração nós a vemos em seus escritos, tanto em entrevistas à imprensa como em discursos pronunciados. Expunha suas preocupações com os alojamentos e o tratamento dos alienados, defendendo métodos mais humanos e mais dignos, a exemplo do que vinham fazendo os franceses. Só não aplicou nunca a expressão “psiquiatria iluminada”, designação que lhe ocorre apenas no plano espiritual, já como André Luiz. Mas não podia ser diferente. Se ele aplicasse esses termos aqui na terra, com certeza acabaria internado ao lado dos alienados.
Sim, o setor seduziu Faustino Esposel, mas sua dedicação se concentrava no trabalho neurológico. Haja vista a descoberta que faz, de repercussão internacional, do chamado “Sinal de Babinski”.

– Meu amigo, que vemos? criaturas alegres cercadas de seres tão inconscientes e perversos? pois será crime dançar? buscar alegria constituirá falta grave? O orientador escutou pacientemente as indagações ingênuas que me escapavam dos lábios, ditadas pelo espanto que me assomara repentinamente, e esclareceu:

– Que perguntas, André! O ato de dançar pode ser tão santificado como o ato de orar, pois a alegria legítima é sublime herança de Deus. (Cap. 14, p. 194, 7ª ed.)

- Indagação que faz para ensejar a resposta que ouve e registra. Faustino, a Odete, a irmã, toda a família frequentou muitos bailes, cujas presenças, pelo relevo que tinham junto à sociedade, eram registradas pelos jornais e revistas, nas colunas sociais e mesmo em notas à parte ou inseridas em noticiário mais amplo. Gostavam, sim, de dançar. Vemos que os orientadores espirituais não estavam preocupados nesse sentido, mas é claro que André Luiz/Faustino Esposel aproveitou para não deixar passar esse importante endosso. Pelo menos esse...

– Vamos! deixemo-los divertir-se. A dança, nesta casa, não lhes deixa de ser, em última análise, um benefício. (Cap. 14, p. 195, 7ª ed.)

- E, do ponto de vista terapêutico, também tinha a chancela da espiritualidade, o que, de resto, sabe-se até hodiernamente que, de fato, a dança produz ótimos reflexos nos portadores de distúrbios psíquicos. Deve ter sido bem recomendada pelo Faustino até com esse objetivo médico.

A atmosfera, impregnada de aromas que o vento espargia em torno, recordava-me o lar na Terra, contornado de seu jardim, em noite cálida. (Cap. 1, p. 18, 7ª ed.)

- O jardim contornava a casa quase inteiramente. O lado esquerdo de quem entra era separado apenas por um muro e não deixava o canteiro fazer o contorno completo em todo o perímetro. Assim, se estendia do lado direito e na frente (atualmente essa frente está em parte cimentada). Bem lá atrás, ficava o grande quintal de terra, também hoje quase totalmente cimentado.

Aquele Espírito desventurado recordava meu avô paterno Cláudio. Afeiçoara-se a mim, desde os meus mais tenros anos. De trato glacial com os outros, aflagava-me bastas vezes, acariciando-me a cabeleira infantil com as suas mãos que os anos haviam engelhado. (Cap. 18, p. 230, 7ª ed.)

- O avô gostava de verdade dos netos, mas tinha visível preferência pelo Faustino, único que, afinal, seguiu a carreira médica, como o velho suspirava que o fizesse. Com os demais netos era, no dizer dos familiares com quem conversei, notadamente indiferente. “Os outros”, irmãos do Faustino, recebiam, de fato, menos calor. José Maria dos Anjos Esposel tinha, ao desencarnar, 78 anos. Segundo o neto Oscar contara para a esposa Ormindá, seu avô (e do Faustino) envelhecera precocemente. “Era muito criticado”, acentuou. Parece-me, por tudo que depois levantei da vida dele, conforme já lemos neste livro, que o Oscar estava sendo bastante complacente vendo-o apenas como “muito criticado”. Esses críticos às vezes foram tremendamente mais ácidos do que sugere a frase do neto...

Tornando ao pretérito, reconheci que vigoroso laço me unia àquele desgraçado que ainda sofria o pesadelo do ouro terrestre, carregando placas de lodo que premia enternecidamente ao coração.

– *Meu amigo, sois Cláudio M... antigo fazendeiro nas vizinhanças de V...?*

– *Cláudio M... sois vítima de lamentável engano.* (Cap. 18, pp. 230/231/232, 7ª ed.)

- Praticamente esgotei o assunto ao discorrer sobre o Cláudio M..., o José Maria dos Anjos Esposel. A história do apelido pejorativo, que André Luiz ocultou nas reticências, a atuação na administração da fazenda perto de Valença, a estreita ligação com o clero, a sinecura na Casa Imperial, os casamentos, a “irmã” que não era irmã, a “lama” que não era lama, etc., acho despiendo acrescentar a esses pontos qualquer outro comentário.

Compreendia agora a impossibilidade de uma psiquiatria sem as noções do espírito. Lembrou-me a luta secular entre fisiologistas e psicologistas, disputando a norma de socorro aos alienados mentais. (Caps. 4-8, pp. 65/119, 7ª ed.)

- Faustino Esposel também viveu essa disputa, escrevendo e conferenciando a respeito. Foi muito atuante a sua participação, grande parte dela noticiada pela imprensa, em particular as publicações científicas.

O ancião e os jovens pareciam revoltados contra ele, acusando-o. Nomeavam-no com descaridosas designações... (Cap. 18, p. 232, 7ª ed.)

- Este trecho é de notável identificação, como já vimos anteriormente. É aqui que o André Luiz deixa a pista de que o avô era nomeado com “descaridosas designações”. Verdade que ele não quis estender, escondendo-a, como eu já registrei, atrás das reticências do M, de Maria, para evitar o palavreado chulo nas páginas de *No Mundo Maior*.

Ao morrer, meu pai confiou-me uma irmã, que não era filha legítima de nossa casa. Minha mãe, dedicada e santa, criou-a com o mesmo infinito desvelo que a mim mesmo. (Cap. 18, p. 232, 7ª ed.)

- Está se referindo ao bisavô do André Luiz/Faustino Esposel. Já elucidei que não era irmã, embora, como está dito, não fosse, de fato, “filha legítima da casa”. Todo o imbróglio já foi por mim aclarado.

Onde respirará minha irmã, a quem despojei de todos os recursos? (Cap. 18, p. 233, 7ª ed.)

- Por mais tentasse, não a localizei.

Por que não me ensinaram, na Terra, que a vida prosseguiria para além do sepulcro? (Cap. 18, p. 233, 7ª ed.)

- Lamúria plenamente justificada pela verdade dos fatos. Família de católicos, alguns sinceros e outros não tanto, nem queriam saber de verdades diferentes dos ensinamentos da Santa Madre Igreja. Bem, deu no que deu. Que pelo menos – é o que o André Luiz almejou – essas confissões psicografadas sirvam de lição aos que ainda perambulam por este pobre mundo de mentiras, escamotiações, sofismas e hipocrisias religiosas.

Destinei-lhe um legado para esse fim.

Lembrei-me do meu avô, acariciando-me os cabelos; recordei que meu genitor sempre aludia aos desejos do velho, com referência à minha preparação acadêmica... (Cap. 18, p. 234, 7ª ed.)

- Legado importante porque se concentrou especialmente no estímulo, no apoio, na aspiração. E também foi verdade, quanto a recursos materiais, mas que não seriam imprescindíveis. André Luiz destaca o detalhe por natural gratidão e caridosa consideração, pois o pai do Faustino era muito bem sucedido e não dependeria de ninguém para custear os estudos dos filhos. Já expliquei alhures.

Amigos de nossa esfera esclareceram-nos, quanto à Ismênia, que ela reencarnara e vivia na fase juvenil das forças físicas. Corporificara-se no mesmo tronco doméstico a que emprestara colaboração na época em que meu avô a expulsara do campo familiar.

Achando-se presentemente na juventude terrestre, provavelmente nos auxiliará no momento preciso, recebendo o irmão perturbado em seu próprio instituto doméstico.

A irmã de meu avô era agora a sexta filha daquela senhora que, na existência física, era conhecida por neta da velha Ismênia, cuja personalidade, para a família terrena, se perdera no tempo, e que não era outra senão a menina e moça, sob nossos olhos, de volta às tarefas aperfeiçoadoras da luta carnal. (Cap. 19, pp. 238/239, 7ª ed.)

- Não soube e continuo sem saber quem seja e onde está. Em 1947, quando é lançado *No Mundo Maior*, ficamos sabendo que ela estava encarnada, trabalhando em Bangu. Iria casar-se com o pedreiro Nicanor e receberia como filho o bisavô do Faustino. Seria de se esperar que voltariam ambos na família Esposel. Mas, depois de muito pesquisar e analisar, não obtive nenhum resultado positivo. Não sei onde estavam ou ainda estão.

– Nunca soubeste, em família, que tua bisavó teve um irmão? (Cap. 19, p. 141, 7ª ed.)

- Volto a registrar: não era irmã, mas apenas uma filha adotiva.

Compreendi a extensão de meu débito para com ele, relativamente ao diploma de médico que eu não soubera honrar no mundo... (Cap. 18, p. 235, 7ª ed.)

- Linda, comovente e compreensível autocrítica de quem, totalmente transformado pela dor e pelo trabalho, atribuía expressivo crédito ao avô, ao mesmo tempo em que proclama sua mea-culpa relativamente ao médico que, como lamenta agora, gostaria de ter sido.

– Vovô Cláudio, pois o senhor não me conhece mais? (Cap. 18, p. 235, 7ª ed.)

- Neste ponto, André Luiz já fez o completo reconhecimento do avô e então passa a chamá-lo declarada e afetuosamente de vovô Cláudio, inclusive eliminando, no livro, as reticências pejorativas.

O ancião, comovido, contou que seu genitor, ao se casar, conduziu para o lar uma filha de sua mocidade turbulenta, a qual a mãezinha acolhera com doçura. Essa irmã lhe fora, mais tarde, ama desvelada, tornando-se-lhe credora de justa gratidão.

Todavia, engeuecido pelo propósito inferior de possuir dinheiro desmedidamente, despojou-a dos bens que lhe cabiam, por ocasião do falecimento dos pais, que, vitimados por febre maligna, o haviam deixado em vésperas de casamento. Ismênia, espoliada, depois de chorar e reclamar debalde, foi compelida a homiziar-se em residência de família abastada, que lhe cedeu, por favor, um lugar de copeira com remuneração desprezível. (Cap. 19, p. 237, 7ª ed.)

- Tudo já anteriormente sintetizado e amplamente explicado com minúcias em capítulos precedentes deste livro. A história, muito antiga para a memória dos próprios descendentes, foi remontada com grande dificuldade.

Dirigimo-nos para o Rio, onde Ismênia seria encontrada por nós em modesto lar de Bangu. Trabalho na indústria de tecelagem, com salário reduzido, para ajudar à manutenção de nossa casa, e Nicanor é pedreiro... (Cap. 19, pp. 239/240, 7ª ed.)

- Não há dúvida de que se trata da extinta Fábrica Bangu, de tecidos, muito conhecida e que praticamente espalhou o progresso pela região. Patrocinava, na década de 50, os concursos Miss Brasil. Quanto à moça, já disse que nada sei. Sobre o Nicanor, muito menos ainda. Anseio que tenham sido ou ainda sejam extremamente felizes caso prossigam encarnados.

Cláudio demorar-se-á no recolhimento até que se apresente em condições de mudança para nosso instituto regenerativo. Aqui se preparará convenientemente para o retorno aos círculos carnais. (Cap. 20, p. 249, 7ª ed.)

- Não sei para onde foi. Praza aos céus que esteja resignado e aproveitando mais essa oportunidade, com a ajuda dos familiares terrenos e desencarnados, acima de tudo sob as bênçãos do Cristo.

De OBREIROS DA VIDA ETERNA

Recordei meus escassos conhecimentos da doutrina freudiana e voltei mentalmente ao consultório, onde, muitas vezes, fora procurado por amigos atacados de estranhas e desconhecidas enfermidades mentais, a se socorrerem de minhas pobres noções de Medicina, não obstante minha carência de especialização em tal sentido. Eram maníacos, histéricos e esquizofrênicos de variados matizes, em cujos cérebros ainda existia luz bastante para a peregrinação através dos livros científicos. (Cap. II, p. 33, 16ª ed.)

- Pelo que li do Faustino Esposel, deviam ser realmente escassos seus conhecimentos psicanalíticos, porquanto nada encontrei de profundidade que pudesse contestar essa sua assertiva que faz como André Luiz. Porém, escassos em questão de participação direta e na casuística de seus próprios resultados, pois não aderira até então à terapia. Tento explicar. Sem dúvida que o Faustino sabia muito bem quem era Sigmund Freud, formado em medicina e especializado em neurologia. Além do mais, Freud trabalhou lado a lado com Charcot e, sobre este, já vimos aqui que o Faustino fizera estudos que ilustraram sua conferência na Academia Nacional de Medicina. Em 1908, surge a Sociedade Psicanalítica de Viena e somente em 1923 a psicanálise freudiana se consolida efetivamente, com a publicação de *O Ego e o Id*, em que expõe a sua teoria da mente. (Aliás, considero-a brilhante.) Passou a ser muito discutida como tratamento científico e médico, no século XIX, XX e ainda hoje reúne adeptos e críticos severos. Atualmente, não tanto, mas durante longos anos foi ridicularizada, ignorada, combatida, contestada a ponto de afugentar o próprio Freud. Colegas médicos mostravam indiferença e menosprezo. Psiquiatras zoavam das ideias e dos métodos. Só com muito tempo começou a amenizar o clima de sarcasmo e refringência. Faustino Esposel, como inúmeros outros médicos, só bem mais tarde há de ter parado para pensar melhor no assunto, estudioso que era por natureza. Mas talvez já fosse tarde demais... Espíritas também foram bastante duros nas críticas, quando se pretendeu atribuir a mediunidade a distúrbios psíquicos capitulados pela psicanálise. No entanto, posta

de lado essa bobagem, tanto os mentores espirituais e mesmo os estudiosos sérios do espiritismo (dentre os quais peço licença para me incluir) compreenderam o valor do trabalho de Freud. O próprio André Luiz, em sua série, nos informa da importância da psicanálise, repassando as lições dos seus mestres, desde que considerados os ajustes que a doutrina espírita introduz de forma extraordinária, principalmente por Jung.

No trecho citado, vale o registro da referência ao seu consultório. Muitos médicos não os tinham, ora atendendo na residência, ora nos serviços públicos ou hospitais particulares. Faustino Esposel, como já vimos aqui neste livro, tinha até mais de um consultório, inclusive o do 5º andar do edifício Heydenreich, na já famosa Cinelândia, onde se instalavam os mais bem credenciados junto ao público de alta renda e festejados como medalhões.

– *Oh! – considere, levemente – terá sido, como fui, suicida inconsciente?* (Cap. XIII, p. 200, 16ª ed.)

- Aqui mesmo, nestes excertos, já cuidei dessa questão, à qual o leitor, se preferir, poderá reportar-se.

Calei-me, humilhado. O hábito de analisar pessoas e ocorrências, unilateralmente, mais uma vez me impunha proveitosa decepção. Naturalmente, o Assistente conhecia-me a antiga posição, estaria informado de meus desvios anteriores, mas dignava-se evitar-me desapontamento mais fundo com referências comparativas. Assomaram-me recordações do passado, mais nítidas e esclarecedoras. Inevavelmente, conduziu minha última experiência como melhor me pareceu. Tomava refeições calmas e substanciosas, a horas certas; dera-me a estudos prediletos; dispunha de meu tempo com rigorosa independência nas decisões; cerrava a porta aos clientes antipáticos, quando me faltava disposição para suportá-los; nunca molestara o fígado por sofrimentos alheios, porque era ele pequeno para conter as vibrações destruidoras de minhas próprias irritações, ao sentir-me contrariado nos pontos de vista pessoais, e, sobretudo, aniquilava o aparelho gastrointestinal pelo excesso de comestíveis e bebedices aliados à sífilis a que eu mesmo dera guarida, levemente. Havia, portanto, muita diversidade entre o caso Dimas e o meu. O dedicado servidor do bem empregara as possibilidades que o Céu lhe confiara em benefício de outrem. Quanto a mim, centralizado em mim mesmo, gozara essas possibilidades até ao clímax, perdendo-me pela abusiva saciedade. (Cap. XIII, pp. 202/203, 16ª ed.)

- Excetuando os aspectos altamente subjetivos, de que somente o próprio André Luiz/Faustino Esposel poderia falar, tudo o mais é autêntica recordação da última encarnação, como médico vitorioso, mas nem sempre pautado no melhor entendimento dessa maravilhosa carreira, se vista à luz dos conhecimentos cristãos-espíritas. De qualquer forma, não nos precipitemos em nenhuma análise definitiva. Sugiro que o leitor deste livro se detenha bem mais no texto “Epílogo” com que encerro este longo trabalho de pesquisa. Poderá, então, extrair sem preconceito as mais justas conclusões sobre esse médico que muito sofreu e muito aprendeu, vindo a oferecer-nos hoje tantas e tão magistrais lições de amor e redenção.

De fato, conhecia as letras do Velho Testamento e muita vez folheara o Evangelho; entretanto, era forçoso reconhecer que nunca procurara as letras sagradas com a luz do coração. Identificava-as através da crítica de escritores menos afeitos ao sentimento e à consciência, ou em pleno desacordo com

as verdades essenciais. Noutras ocasiões, interpretava-as com o sacerdócio organizado, sem sair jamais do círculo de contradições, onde estacionara voluntariamente. (Nosso Lar, cap. 1, pp. 18/19, 47ª ed.)

Foi quando comecei a recordar que deveria existir um Autor da Vida, fosse onde fosse. Essa ideia confortou-me. Eu, que detestara as religiões no mundo, experimentava agora a necessidade de conforto místico. (Nosso Lar, cap. 1, p. 23, 47ª ed.)

Não era, igualmente, filho de Deus, embora não cogitasse de conhecer-lhe a atividade sublime quando engolfado nas vaidades da experiência humana? Por que não me perdoaria o Eterno Pai, quando providenciava ninho às aves inconscientes e protegia, bondoso, a flor tenra dos campos agrestes? (Nosso Lar, cap. 2, p. 24, 47ª ed.)

Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias. (Nosso Lar, cap. 12, p. 69, 47ª ed.)

Antigamente, avesso às manifestações da prece. (Nosso Lar, cap. 26, p. 141, 47ª ed.)

- Reuni para o final esses importantes trechos de *Nosso Lar*. São colocações do André Luiz que suscitaram alguma dúvida quando pela primeira vez revelei que se tratava do Faustino Esposel. À época já a dirimi pela internet e, aqui mesmo, neste livro, o leitor acompanhou meus comentários explicativos. Repito-os agora, ao ensejo desta síntese confirmativa. Não há contradição entre as colocações do André Luiz e a personalidade do neurologista Faustino Esposel sobre suas descrenças e seu desprezo pelas questões religiosas. Sendo católico e crente de Deus – alegou-se –, seria de se esperar que não se apresentasse, no livro *Nosso Lar*, em termos tão negativos. Repito, porém, para rematar este bloco de breves sínteses, que a contradição não existe. André Luiz em momento algum confessa que na terra fora ateu. E a crítica indireta e até direta que faz é ao catolicismo, ao formalismo religioso que, no dizer dele, eram “em pleno desacordo com as letras sagradas”. Crítica o sacerdócio organizado e a disparidade entre as letras sagradas, como as que lia e ouvia, se cotejadas com as “verdades essenciais”. Apresentava-se, portanto, como católico, mas apenas no modelo da maioria esmagadora dos médicos da época, na exterioridade dos adeptos que simplesmente seguem rituais e sacramentos. E, então, obedecia aos preceitos protocolares. No fundo, “detestava as religiões do mundo” porque as religiões do mundo não o confortavam com o conforto místico de que sempre necessitou. O que conhecia e seguia eram as falácias dos sermões católicos, que não fugiam das ameaças do inferno e do purgatório. E isso ele ouvia sem criticar até então, conquanto, no íntimo não aceitasse. Deus, porém, fazia parte da sua crença, mas o desenho católico que lhe foi apresentado ao lúcido raciocínio de homem culto e inteligente era no fundo uma caricatura. Precisou transpor a linha da vida de encarnado para apreender o que é a religião Natural, por isso mesmo pura, e então conceber o verdadeiro Deus do amor.